



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento do “Fórum Futuro 10 Paraná”**

Curitiba-PR, 30 de novembro de 2005

Permita-me tratá-lo de Sua Excelência o governador do estado, Roberto
Requião,

Meu caro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,

Meu caro senador Flávio Arns,

Deputado Irineu Colombo,

Senhor Luciano Ducci, prefeito em exercício de Curitiba,

Senhores prefeitos,

Secretários estaduais,

Secretários municipais,

Vereadores e demais lideranças políticas,

Senhor Mariano Lemanski, vice-presidente da Rede Paranaense de
Comunicação,

Senhor João Paulo Koslovski, presidente da Ocepar,

Darci Piana, presidente da Federação do Comércio,

Rodrigo Rocha Loures, presidente da FIEP em nome do qual
cumprimento todos os representantes das instituições que promoveram o
Fórum Futuro 10 Paraná,

Meus amigos, minhas amigas,

Não se impressionem com a quantidade de papel porque muito mais do
que um discurso que está por escrito, quero ter uma conversa com vocês.

Em primeiro lugar, queria dizer aos promotores deste Fórum que o



exemplo que vocês estão dando é extremamente promissor, na medida em que muito mais do que produzir um documento vocês despertaram, numa parcela da sociedade, no estado do Paraná, o desejo de participação e, muito mais do que o desejo de participação, despertaram nessas pessoas a confirmação de que se as pessoas são convidadas, se as pessoas são provocadas, as pessoas sempre têm uma contribuição a dar. Não importa que a qualidade não seja aquela que nós gostaríamos que fosse. O que é importante é que estejamos sempre permitindo que a sociedade se manifeste.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que esse documento que vocês apresentaram, que o Requião me disse que a partir de agora será a bíblia de muitos governantes e de muitos candidatos a governantes, é isso mesmo, certamente, as pessoas estarão obrigadas a ler esse documento, até para poder discordar do documento ou fazer a disputa, demonstrando que têm conhecimento daquilo que foi a vocação dos participantes do Fórum, na elaboração das suas teses.

A segunda coisa é que nós estabelecemos, desde que tomei posse, um processo de participação sem precedentes na história do Brasil. Primeiro, com a constituição do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social que fizemos, com representações de empresários, de trabalhadores e de movimentos sociais, que têm se reunido e têm prestado inestimável colaboração ao Estado brasileiro.

Segundo, nunca nenhuma federação de empresários deste país, nenhuma confederação de empresários deste país, em qualquer momento da história do Brasil, teve a oportunidade de participar de eventos, às vezes convidados pelo Presidente da República, e de participar na elaboração de propostas, muitas das quais foram votadas, transformadas em projeto de lei, votadas no Congresso Nacional e que estão hoje prestando inestimáveis ganhos aos setores da sociedade brasileira.

Um exemplo mais típico é a Medida 255, aprovada no Congresso



Nacional, que era a 252, foi aprovada trazendo muito mais possibilidade de competitividade ao empresariado brasileiro.

Foi assim quando constituímos o Fórum Nacional do Trabalho, em que trabalhadores, empresários e governo aprovaram uma proposta a ser enviada ao Congresso Nacional, de mudança na estrutura sindical brasileira, que está lá para que os deputados e senadores possam votar. E assim, outras dezenas de medidas que tomamos para a participação popular, a criação da Secretaria de Comércio, envolvendo todas as federações estaduais que trabalham no comércio junto com a Confederação, por uma razão muito simples: nós estamos querendo passar a idéia, para a sociedade brasileira, de que o mandato de um presidente da República, de um governador, de um prefeito, é muito passageiro e o que vai ficar de sólido, ao terminar o seu mandato, é a relação que o Estado estabeleceu com a sociedade, a relação que o governo estabeleceu com a sociedade. Se essa relação foi produtiva, se essa relação foi democrática, se essa relação foi construtiva, certamente, qualquer governo que vier depois terá muita dificuldade de mudar porque trará desgastes políticos, apesar de que no Brasil as pessoas não se preocupam muito com isso.

De qualquer forma, as bases de participação da sociedade estão consolidadas no governo federal. Quando fizemos o PPA, em 2003, tivemos a participação de 2.700 entidades nacionais, nos 27 estados da Federação, na maioria dos municípios brasileiros, das capitais, para que a gente pudesse ter algum projeto que retratasse, senão a totalidade dos interesses do Brasil, pelo menos uma grande parte da cara do povo brasileiro e dos desejos brasileiros.

Agora, temos que ter em conta que nós cometemos erros e acertos que nós, muitas vezes, cobramos demasiadamente de um segmento da sociedade, nós temos muita facilidade de transferir responsabilidade de coisas que nós mesmos teríamos que fazer. O Brasil é mais ou menos assim.



Eu viajei 91 mil quilômetros de caravana, entre 1991 e 1993 e, na maioria das cidades em que eu chegava, quando procurava o prefeito da cidade ou procurava a Câmara de Vereadores, ou mesmo associações comerciais da cidade, eu tinha para cada uma dessas instituições uma única pergunta: “você, em algum momento, se juntaram para discutir a solução dos problemas de vocês?”. Nunca, não encontrei uma Câmara de Vereadores que tivesse feito sessões específicas para discutir as soluções dos problemas da sua cidade, porque é muito mais fácil ficar de um lado, pedindo, ou de outro lado, criticando o prefeito.

Segundo, nenhuma entidade, nesse período em que eu fiz a caravana, visitando 600 cidades, tinha feito qualquer discussão sobre um modelo de desenvolvimento, a saída para a sua cidade, porque no Brasil nós nos habituamos a transferir responsabilidade. É o prefeito que transfere para o governador, é o governador que transfere para o presidente da República, é o presidente da República... Antes, transferia para o FMI, como nós não temos mais acordo com o FMI, então não tem mais transferência. Fica conosco mesmo a responsabilidade das coisas que fazemos ou que não fazemos.

Acho extremamente importante, sem conhecer, mas só pela alegria de saber que 5 ou 6 mil pessoas participaram, em algum momento, na sua cidade, dizendo: “eu quero isso para a minha região, eu quero isso para a minha cidade, eu quero isso para o meu estado”. Sem conhecer o documento, eu quero dizer para vocês: já valeu a pena. E, certamente, toda vez que colocamos o povo para participar, nós erramos menos do que quando contratamos uma consultoria para meia dúzia de pessoas elaborarem a solução definitiva para os problemas da humanidade.

O documento é denso e, certamente, o documento é de qualidade. Pode ter defeitos mas, certamente, serão menores do que se tivéssemos encomendado a uma pessoa para produzir o documento.



A segunda coisa que eu acho importante dizer aqui é que eu já me habituei às críticas, às cobranças porque, na minha vida, eu cobrei tanto, eu critiquei tanto, que eu ouço as críticas com a mesma *finesse* com que ouço os elogios, porque faz parte do jogo democrático.

Agora, é importante que toda vez que façamos uma crítica... Eu aprendi uma coisa importante: toda vez que eu tiver que criticar alguém eu preciso, pelo menos, encontrar uma qualidade naquela pessoa para poder dar vazão à crítica que eu vou fazer depois. Pois bem, eu acho que, do presidente da República ao ministro da Fazenda, ao presidente do Banco Central, ao cidadão que está como ascensorista em um elevador deste prédio, todos nós estamos convencidos de que o Brasil precisa ter uma taxa de juros mais realista. Todos nós. Como todos nós gostaríamos que a dívida interna brasileira, que a dívida pública fosse um terço do que ela é hoje.

Entretanto, falar de política de juros hoje, apenas criticando, sem reconhecer que a média de juros, nesses três anos, é metade da média dos juros nos oito anos passados, é não permitir que as pessoas possam formular um melhor juízo de valor, até para fazer a crítica. Criticar a política econômica é uma coisa saudável, alentadora e, eu diria, reflexiva, para que todos nós pensemos o que fazer, é como colocar o guizo no pescoço do gato, é mais difícil do que teorizar. Entretanto, o que aconteceu com a economia brasileira nesses três anos? Logo que nós corremos o risco de perder novas décadas, nós estamos vindo de duas décadas perdidas, de 1980 ao ano 2000, tendo o começo de uma pequena recuperação no ano de 2002. Vocês devem ter acompanhado os dados da PNAD, que foi publicada nesta semana, devem ter acompanhado os estudos da Fundação Getúlio Vargas, ou seja, não é nenhuma coisa exuberante, mas há muito tempo nós não tínhamos três milhões e 800 mil empregos criados neste país em apenas 36 meses. Há muito tempo nós não tínhamos uma poupança interna... quando eu fui candidato a



presidente da República a poupança interna era 17% do PIB e hoje está 24% do PIB.

Meus companheiros do comércio, há quanto tempo não tinha tanto crédito para o consumo neste país? Somente o crédito consignado jogou no mercado, em 17 meses, 29 bilhões de reais. E essas pessoas que vão aos bancos pegar 2 mil, 1 mil, 2.500, não pegam para comprar dólar, muito menos para comprar alguma coisa, a não ser para comprar eletrodoméstico, uma roupa ou alguma coisa de interesse imediato de sua família.

Há quanto tempo a agricultura familiar não recebia a quantidade de dinheiro que recebeu nesses últimos 36 meses. Saímos de 2 bilhões e 400 milhões na safra que terminou em julho de 2003, para 9 bilhões de reais para a safra que vai terminar em julho de 2006. É pouco, mas é quase quatro vezes mais aquilo que era liberado, e não apenas pela quantidade de dinheiro, mas pela quantidade de contratos. Quem é agricultor, aqui neste estado, de cooperativa, sabe que 80% do dinheiro do Pronaf ficava no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, uma pequena parte vinha para o Paraná, pouco chegava a São Paulo e nada, praticamente nada, no Norte e no Nordeste. E, hoje, eu queria apenas lembrar, porque eu acho que as pessoas, se não têm as informações adequadas, não podem fazer juízo de valor para saber o que aconteceu.

Nós saímos de 900 mil contratos que existiam na agricultura familiar brasileira para 1 milhão e 700 mil contratos. E vamos chegar a 2 milhões de contratos na safra. Estados como no Nordeste, os contratos cresceram 182%, 381% e até 400%, porque nós descobrimos que era preciso nacionalizar.

Aqui no Paraná deve fazer três anos que vocês não lêem uma matéria no jornal dizendo que foram criadas frentes de trabalho no Nordeste por causa da seca. Não deixou de existir seca no Nordeste, o que existe é política pública, o que existe é política de compra do alimento do pequeno agricultor, o que existe é compra do leite até o produtor que produz cem litros, o que existe



é seguro agrícola que, numa semana, cuidou da seca do sul do país como há muitas décadas não era cuidada.

Eu não tenho culpa porque só peguei o governo há três anos, ainda não faz três anos, falta um mês para fazer três anos. Mas o seguro agrícola poderia ter sido criado dez anos atrás, 15 anos atrás, e aí todos os agricultores brasileiros poderiam dormir sem medo das intempéries. Chova ou faça sol, se tiver prejuízo, nós vamos ter como bancar a nossa agricultura. Nós criamos o seguro agrícola. E vai precisar de um tempo para que esse fundo tenha recursos para que a gente possa cumprir aquilo que nós temos que cumprir.

Muita gente fala assim para mim... eu estou desde janeiro, até um pouco antes, ouvindo as pessoas dizerem: “o câmbio está matando as exportações. É preciso mudar a política de câmbio.” E todo mês nós batemos recorde de exportação. Aquilo que era impensável pelo mais otimista empresário do Paraná, pelo mais produtivo empresário do Paraná, pelo mais economista empresário do Paraná, aquilo que era imprevisível três anos atrás, que ninguém previa, aconteceu. O Brasil está perto de chegar a 120 bilhões de dólares na sua política de comércio exterior. Por favor, não se esqueçam que quando nós ganhamos as eleições nós exportávamos 60, e que nós dobramos isso. E não dobramos porque ficamos esperando alguém vir comprar aqui, não. Nós dobramos porque nós resolvemos fazer aquilo todo dia na campanha, transformar o Ministério da Indústria e Comércio, o Itamaraty e o Ministério da Agricultura em verdadeiros mascates ambulantes com os produtos brasileiros embaixo do braço, vendendo pelo mundo.

Eu me lembro, como se fosse hoje, quando eu disse que nós íamos priorizar a política de integração para a América do Sul. Aqueles que têm uma mente colonizada e que achavam que o Brasil só tinha que manter relações com os Estados Unidos e com a União Européia escreveram vastos editoriais, de que nós íamos fazer, mais uma vez, a política tupiniquim, voltar as costas para os ricos e dar atenção aos pobres.



A nossa política de comércio exterior com a América do Sul cresceu 86%. Hoje, a América do Sul, o conjunto da América do Sul, é maior do que as exportações que nós temos para muitos países ricos. E vamos continuar fazendo muito sem permitir que, às vezes, um problema localizado num setor faça com que um governo mude a totalidade da sua política para atender a um segmento. Primeiro, precisamos saber o que está acontecendo naquele segmento para que a gente possa, juntos, encontrar a solução.

Em setores industriais no Brasil, há quantas décadas que a indústria brasileira não tinha mais lucro que os bancos? Pela primeira vez, em 23 anos, um conjunto de empresas brasileiras teve mais lucro que os bancos. Não que os bancos não estejam ganhando dinheiro, estão, eu prefiro os bancos ganhando dinheiro do que dando prejuízo porque nós sabemos o que foi o Proer para os cofres públicos brasileiros, quantos bancos estão quebrados. Nós sabemos quanto custa. Então, é apenas a gente fazer um balizamento, saber o estado em que o paciente entrou no hospital, o estado em que ele está, para a gente saber o estado em que ele pode sair. E aí é que entra a responsabilidade do governante, que tem que tomar as medidas no momento certo, de forma adequada.

Eu brinco sempre com os empresários. Eu digo: as pessoas são fantasticamente ricas em criatividade, porque eu passei dez anos da minha vida fazendo debate e ouvindo que o câmbio tinha que ser flutuante. Mas se o câmbio é flutuante, ele flutua, não tem jeito. Ele não pode é flutuar apenas por interesse de uns, ele tem que flutuar de acordo com a tendência.

Outra coisa que, às vezes, me machuca muito é citar a China como exemplo. Não faça isso, porque a China é um país fantasticamente grande, de uma produção extraordinária, de um crescimento extraordinário mas, certamente, nenhum de vocês gostaria que as condições do Brasil fossem as da China. Não vamos olhar apenas para o crescimento, vamos olhar para o conjunto dos problemas e das soluções que encontrou a China. Eu acho que



nós poderíamos olhar países iguais ao Brasil e perceber também a situação de cada um, para que a gente possa encontrar as soluções em função da realidade de cada país. Que nós precisamos melhorar, precisamos, e muito; que nós precisamos crescer, precisamos, e muito; que nós precisamos aumentar as exportações, precisamos, e muito; que nós precisamos gerar empregos, precisamos, e muito. Agora, não tem mágica. Se eu pudesse fazer tudo isso por Medida Provisória, eu já teria feito. Eu tenho que fazer de acordo com as possibilidades e, o passo, de acordo com o tamanho de minha perna porque senão eu vou ter uma distensão e vou ficar fora de campo muito tempo.

O que nós poderíamos nos perguntar é como um país ainda continua crescendo, e não me assusta porque teve um decréscimo do PIB no terceiro trimestre. Para mim foi ruim, eu gostaria que tivéssemos crescido um monte por cento, mas não crescemos. Mas nós temos que nos perguntar: que país resistiria em função da crise política que estamos vivendo, que país resistiria? Que sociedade extraordinária é esta que está vendo todos os dias na televisão, de manhã, de tarde, de noite, nos jornais: sicrano acusa fulano, que acusa beltrano, e depois ninguém vai provando, alguns são provados, os que são provados e estão no governo, nós exoneramos ou abrimos processo. Mas tudo isso tem um tempo, até porque nós defendemos que todo mundo seja julgado decentemente, porque isso faz parte do processo de direito num país.

Eu continuo, meus senhores, com muito otimismo, tanto ou mais do que quando eu entrei no governo, porque eu passei três anos esperando a pesquisa do IBGE para mostrar a PNAD, e a PNAD mostra que nós tivemos uma evolução em todos os quesitos analisados, crescimento da massa salarial... Sabe quantos anos fazia, Governador, que o movimento sindical brasileiro não fazia acordo com ganho real de salário? Muitos anos. Eu fui um bom dirigente sindical no Brasil, fiz as greves mais importantes deste país e me contentava em voltar a trabalhar se não perdesse os dias. Este ano, 85% dos acordos salariais foram acima da inflação. Aliás, estou vendo uma pessoa com



a camisa da CUT, ali, que pode dizer isso, 80. Isso demonstra que alguma está andando, e está andando firmemente, porque uma coisa de que nós temos que ter clareza é que nós criamos as condições para ter um ciclo de longo prazo de crescimento. Não precisa crescer a dez num ano e zero no outro ano, não. Se crescer dez anos 4% ou 5%, nós vamos recuperar aquilo que nós perdemos durante 20 anos de estagnação ou crescimento muito medíocre. E eu penso que nós estamos próximos disso.

Eu quero dizer para vocês que, independentemente do processo eleitoral do próximo ano, eu estou muito otimista com 2006. Tem gente mais nervosa, tem gente mais irritada, porque tem gente que acha que: “pelo amor de Deus, esse negócio de democracia é muito ruim, permite até que um metalúrgico ganhe as eleições, isso não é bom.” E aí ficam nervosos. Sabem, nós não temos que nos preocupar com isso porque a democracia brasileira está consolidada e as instituições estão se consolidando. Por isso, a gente não tem que ter a preocupação se vai investigar A, B ou C.

Neste país todo mundo pode ser investigado, todo mundo pode ser processado e todo mundo pode ser julgado. O que nós achamos que a sociedade brasileira não aceita é alguém querer truncar o funcionamento das instituições democráticas. E quero dizer para vocês: tem muita gente no Brasil torcendo para o “quanto pior, melhor”.

Eu sempre faço comparação com time de futebol. Certamente, domingo, a torcida do Internacional estava pedindo a Deus para o Grêmio não ganhar do Náutico. Certamente, aqui no Paraná, deve ter torcida de outros times, que não do Curitiba, que estão torcendo para o Internacional ganhar do Curitiba, para ele cair, ou seja, é pura maldade. É a gente torcer para a desgraça dos outros, na verdade, esse é um dos males da política brasileira. Aquele que perde, faz uma corrente negativa contra o que ganha. Eu não sei qual é a corrente negativa aqui contra você, Requião, mas pode ficar certo porque ao invés de as pessoas exigirem, cobrarem para que as coisas melhorem, as pessoas ficam



torcendo para não dar certo.

Então, eu quero dizer para vocês, e vocês devem estar percebendo, pela quantidade de tempo que eu falei, que eu sou um homem consciente do papel que o Brasil joga no mundo, hoje. Eu sou um homem consciente da importância que o Brasil tem na América do Sul, sou um homem consciente do papel que o Brasil joga na Organização Mundial do Comércio, sou um homem consciente da importância do crescimento, da participação da sociedade brasileira e, sobretudo, dos mais pobres. E eu acho que não tem retorno, eu acho que o Brasil está se consolidando como uma Nação (a água chegou um pouco tarde, agora que eu vou parar de falar...) Mas eu acho que o Brasil está numa situação extremamente importante. Há um ciclo virtuoso no Brasil, não tanto quanto nós gostaríamos mas, vejam, em que momento da história do Brasil nós crescemos sem inflação alta? Em que momento da história do Brasil nós exportamos sem asfixiar o mercado interno? Em que momento do Brasil a gente combinou crescimento econômico, mesmo não sendo aquilo que a gente gostaria que fosse?

Eu vivi no Brasil no tempo do crescimento, no tempo pior da política, que foi nos anos 70 do governo Médici, com um crescimento de 10% na economia, era pleno emprego. Tinha dólar sobrando no mercado. E nós, até hoje, estamos pagando a conta do desajuste feito naquele momento. Eu trabalho para que a gente possa crescer o dobro do que estamos crescendo, trabalho para que o juro possa reduzir o máximo possível, trabalho para que a gente possa gerar o máximo de emprego que puder gerar, sobretudo com carteira profissional assinada. Pretendo voltar ao Paraná, não sei se uma ou duas vezes no ano que vem, sendo candidato ou não, uma para apresentar algumas propostas que precisamos fazer para melhorar as cooperativas brasileiras e a outra, talvez, mais rápido, para que a Petrobras anuncie aqui um investimento de 1 bilhão de dólares para fazer a Repar funcionar muito melhor.

No mais, eu queria terminar dizendo para vocês: eu estava cansado,



depois de uma reunião muito proveitosa com o presidente Kirchner, uma reunião que produziu extraordinários acordos com a Argentina, parece que a nossa unidade vai de vento em popa. E eu não queria vir aqui porque estava cansado, mas eu quero terminar dizendo para vocês: valeu a pena ter vindo no fechamento deste Seminário.

Muito obrigado.